

**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: EXPERIÊNCIA DO TERRITÓRIO DE  
MATARANDIBA**

**HELENICE SOUZA GONÇALVES**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

# **TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: EXPERIÊNCIA DO TERRITÓRIO DE MATARANDIBA**

## **1 INTRODUÇÃO**

O turismo é uma atividade de lazer em que as pessoas, individualmente ou em grupo, deslocam-se do seu território para conhecer outros lugares com diversas finalidades como a de sair da rotina, conhecer uma nova cultura, experimentar uma culinária desconhecida. Tomazin e Ramiro (2016) relatam que por ter suas origens em um mundo capitalista o turismo preocupa-se, principalmente, com o retorno financeiro da atividade, o que gera impactos negativos em outros aspectos como o cultural e ambiental.

Em contraposição a este turismo, chamado de tradicional, surge o turismo de base comunitária (TBC), uma prática que permite uma maior interação entre o nativo e o visitante, uma atividade em que a renda gerada fica na comunidade, um movimento em que o residente decide como as atividades turísticas devem ser desenvolvidas em sua comunidade. O TBC inclui como beneficiários da prática os preteridos pelo trade turístico, possibilitando que eles obtenham vantagens não apenas financeiras, mas também sociais dentre outras (TOMAZIN; RAMIRO, 2016).

A participação dos atores locais, principalmente os moradores do território, é fundamental para as discussões sobre as atividades que serão implementadas para o desenvolvimento local, pois os residentes conhecem as características locais, as fragilidades e as fortalezas territoriais. Assim, é mais apropriado que eles decidam de forma democrática se as atividades propostas por um membro da comunidade ou um ator externo são pertinentes ao modo de vida local.

Em Matarandiba, Vera Cruz/Bahia, território de estudo desse trabalho, foi criado um projeto de turismo de base comunitária no ano de 2013. Esta comunidade possui atrativos naturais e culturais, além de uma rede de economia solidária, características que favorecem o desenvolvimento do TBC. Buscando avaliar esta experiência definiu-se a seguinte pergunta: Qual a percepção dos atores envolvidos sobre a contribuição do turismo de base comunitária para o desenvolvimento territorial de Matarandiba?

As informações sobre os impactos desse tipo de turismo para a comunidade, a partir da percepção dos atores envolvidos, podem contribuir para um processo de reflexão e melhoria das práticas de turismo de base comunitária no território pesquisado. Esse trabalho tem caráter descritivo e exploratório e utilizou como estratégia de pesquisa o estudo de caso. Realizou-se entrevistas junto às pessoas envolvidas nas atividades turísticas de Matarandiba e aos técnicos da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (ITES/EAUFBA), que atuam diretamente no território estudado.

Percebeu-se que o turismo de base comunitária tem contribuído para o desenvolvimento territorial de Matarandiba, mas possui alguns obstáculos a serem superados, como a mobilização de mais pessoas da comunidade para participar das atividades diárias do grupo de turismo. Na seção seguinte é descrito as peculiaridades do turismo de base comunitária, em seguida os procedimentos metodológicos. A quarta seção abrange a apresentação da comunidade e análise de resultados e a conclusão é apresentada na última seção.

## **2 TURISMO COM FOCO NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**

### **2.1 Turismo de base comunitária**

Nesta pesquisa território é compreendido como o espaço onde acontece as relações sociais e de poder (SANTOS, 1999) e desenvolvimento territorial, como o processo de transformação

local, liderado pelos residentes, em suas mais diversas dimensões como a econômica, humana e sustentável com o objetivo de proporcionar o bem estar da comunidade (DALLABRIDA, 2007). Nas ações para o desenvolvimento local é elementar que os residentes sejam atores importantes no processo de mudança do território e que eles possam decidir sobre quais estratégias serão implementadas na comunidade deles.

O TBC se encaixa no conceito de desenvolvimento territorial pois ele objetiva que a comunidade local seja beneficiada pela prática turística nos aspectos culturais, econômicos, sociais e ambientais, sendo os moradores os principais atores deste processo (TOMAZIN; RAMIRO, 2016). O turismo de base comunitária é caracterizado por “[...] sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade como nossos visitantes na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida” (MALDONADO, 2009, p.31). A rotina e os afazeres da comunidade são uns dos principais atrativos do turismo de base comunitária.

Assim como na atividade turística tradicional, a prática do TBC pode trazer problemas para a comunidade e avaliar se o resultado das atividades é positivo ou negativo para o local é uma atividade complicada porque envolve dois itens de difícil mensuração: poder e empoderamento (SIMONS; GROOT, 2015). Apesar da dificuldade da medição do poder ele deve estar concentrado nos residentes locais (IORIO; CORSALE, 2014; KONTOGEOGPOULOS; CHURYEN; DUANGSAENG, 2014). O grupo receptor do turismo tem o direito de opinar sobre como este será desenvolvido e definir quais os impactos que serão aceitos. Tanto o turista como a comunidade que o recebe são responsáveis pelo meio ambiente que está sendo visitado (SAMPAIO, 2005). Apesar da consciência de que a organização do TBC pertence aos moradores, muitas comunidades são pequenas e não sabem como se estruturarem para receber os turistas, necessitando de agentes externos (redes de colaboração) para desenvolverem a atividade turística (IORIO; CORSALE, 2014). Estes grupos que auxiliam as comunidades podem ser Instituições Universitárias, Organizações Não Governamentais e redes de turismo como a Rede de Turismo Comunitário da América Latina (RedTurs) e a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (TURISOL).

O turismo de base comunitária é uma forma de exercer uma atividade econômica que traz benefícios para os nativos, visto que os inclui na atividade turística e preserva o modo de vida local e o meio ambiente. O TBC pode ser utilizado como uma estratégia para o desenvolvimento territorial, pois ambos têm como protagonistas atores locais. Estes têm um papel preponderante nas atividades ligadas ao desenvolvimento do território, pois conhecem de perto as necessidades, as potencialidades e a territorialidade da região, cabendo a eles decidirem quais são as estratégias, os instrumentos e as políticas de desenvolvimento adequadas ao território (DALLABRIDA, 2007; SACHS, 2008; SAMPAIO, 2005; SEN, 2010).

Mas para que os moradores possam implantar o TBC em sua comunidade é necessário que eles conheçam a própria cultura (TOMAZIN; RAMIRO, 2016), este saber é importante porque os turistas do TBC valorizam a vivência do modo de vida local e também para que se programem atividades para os visitantes a partir deste conhecimento. Tanto no desenvolvimento territorial quanto no turismo de base comunitária os residentes são os protagonistas (MALDONADO, 2009; SAMPAIO, 2005), isto porque são eles que sabem as necessidades, as potencialidades e a cultura da região, cabendo a eles decidirem quais são as estratégias, os instrumentos e as políticas de desenvolvimento adequadas ao território.

A participação dos residentes é importante para a superação das carências do TBC. As comunidades que recebem este tipo de turismo têm dificuldades para acessar recursos para desenvolver suas atividades e não encontram as mesmas facilidades que os serviços de turismo tradicionais e outros setores da economia (MALDONADO, 2009). Apesar dos obstáculos a prática do turismo de base comunitária tem se desenvolvido em diversos países. Além dos entraves externos para a implantação do TBC, existem também os desgastes internos, como o

que aconteceu em Prainha do Canto Verde, pois nem todos os moradores estão satisfeitos com a atividade turística local provocando inclusive embates territoriais (COELHO; CAETANO; SANTOS, 2016).

O TBC, apesar das problemáticas internas e externas para a sua implantação, tem contribuído para a melhoria das comunidades. Os benefícios não são apenas econômicos, são culturais pois tradições são resgatadas, ambientais, porque surgem preocupações em preservar a natureza e há também o empoderamento da comunidade para decidir se querem a atividade turística em seu território e qual a melhor forma de praticá-la.

## **2.2 Estudos anteriores**

A aldeia de Viscri, localizada na Romênia, uma comunidade multiétnica rural foi pesquisada por Iorio e Corsale (2014). O TBC iniciou-se nesta comunidade com a união de um morador que exerce a função de líder, uma cooperativa local, uma fundação britânica sem fins lucrativos e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A atividade turística está sendo bem aceita pela maioria das pessoas que foram entrevistadas, pois além de ter melhorado a renda tanto das pessoas diretamente envolvidas com a prática turística, de outras pessoas da comunidade que vendem produtos e oferecem serviços para os turistas e também de aldeias vizinhas, o turismo também contribuiu para melhorar a infraestrutura local e para a percepção de que é importante cuidar do patrimônio local.

Kontogeorgopoulos, Churyen e Duangsaeng (2014) estudaram a experiência do turismo de base comunitária da vila de Mae Kampong, Tailândia. Esta comunidade tem algumas características similares a Viscri, está localizada em um ambiente rural e o líder local tem um papel importante no desenvolvimento da atividade turística, além do apoio de agentes externos. Mae Kampong possui um programa de hospedagem familiar para abrigar os turistas que tenham interesse em dormir na localidade. Além das atividades tradicionais do turismo, os visitantes podem participar do cotidiano dos residentes como na preparação de uma refeição ou na confecção de um artesanato.

Em Prainha do Canto Verde, Ceará, o desenvolvimento do TBC ocorreu, principalmente, com o apoio da rede de cooperação formada entre os moradores, instituições de ensino e organizações sem fins lucrativos (COELHO; CAETANO, 2016). Esta comunidade tem como principais atrativos a natureza e tradições locais. Os autores elencaram alguns benefícios do turismo de base comunitária para a comunidade como melhorias na infraestrutura (hoteleira, alimentícia e básica) e ações para preservar o meio ambiente e a cultura local. Assim como em outros locais o TBC em Prainha do Canto Verde é uma atividade complementar a renda principal dos moradores.

Normalmente o TBC desenvolve-se em comunidades que possuem algum atrativo natural, mas existem algumas práticas que são desenvolvidas em locais que não tem este chamariz. Um destes exemplos foi pesquisado por Mano, Mayer e Fratucci (2017), a favela de Santa Marta, no Rio de Janeiro, nessa experiência também é destacado o engajamento dos residentes na organização da prática turística. Um dos benefícios indicados do turismo em Santa Marta é que os visitantes percebem que a vida da favela é diferente do que é propagado pelos diversos meios de comunicação. Em todos os exemplos de TBC citados percebe-se que a comunidade está envolvida na gestão das atividades turísticas e que elas precisaram de ajuda externa para iniciar ou manter as práticas turísticas.

## **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa tem características exploratória e descritiva (GIL, 2017), pois busca uma aproximação com a questão de pesquisa e a descrição do impacto da implantação do turismo

de base comunitária em Matarandiba. A estratégia utilizada foi o estudo de caso. Como um estudo exploratório esta pesquisa utilizou um modo interpretativo para a análise dos dados qualitativos.

Para a coleta de dados realizou-se entrevistas com os atores envolvidos na dinâmica das atividades do turismo de base comunitária com o intuito de analisar a percepção deles sobre as contribuições da atividade turística para o desenvolvimento do território. No mês de abril de 2016, foi realizada uma entrevista com um técnico da ITES/EAUFBA, na sede da incubadora. No mês de maio, na comunidade de Matarandiba, foram realizadas cinco entrevistas com as integrantes do ViverTur e com a técnica da ITES/EAUFBA responsável pelo acompanhamento do grupo. Com exceção da entrevista realizada na sede da incubadora, todas as demais foram gravadas e transcritas.

Quadro 1 - Quantidade de entrevistas

Entrevistados	Quantidade
Integrantes do grupo ViverTur	04
Técnicos da ITES/EAUFBA	02

Fonte: Elaboração própria.

O roteiro de entrevista foi dividido em três partes: a primeira tinha como objetivo entender a relação da pessoa que estava sendo entrevistada com a atividade turística local, a segunda para compreender o desenvolvimento do turismo em Matarandiba e a interação com os demais empreendimentos da Rede Ecosmar e a última parte tinha o intuito de verificar o impacto do TBC no desenvolvimento territorial, observando cada uma de suas dimensões.

Além da entrevista, outra técnica utilizada foi a observação não participante. Durante a visita à comunidade foi possível acompanhar uma reunião do grupo ViverTur na ASCOMA e a execução no II Conselho de Turismo de Base Comunitário de Matarandiba.

## **4 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE MATARANDIBA**

### **4.1 A ilha de Matarandiba**

Matarandiba está localizada na contracosta do município de Vera Cruz, Ilha de Itaparica, no estado da Bahia. A comunidade possui uma rede de economia solidária, desde o segundo semestre de 2007, construída através do projeto Economia Solidária e Sustentável de Matarandiba (Ecosmar). A rede Ecosmar é fruto da mobilização local, através do Conselho Comunitário de Matarandiba (CCM), perante a empresa Dow, que atua no território fazendo a exploração de sal-gema. Essa rede foi criada, após um mapeamento socioeconômico e uma pesquisa histórico-cultural, em parceria da comunidade com a Dow, que realizou o financiamento das atividades, e a ITES/EAUFBA, responsável pela elaboração do projeto de desenvolvimento local.

Os empreendimentos econômicos solidários (EES) da Rede Ecosmar estão sob a responsabilidade das associações locais: Associação Comunitária de Matarandiba (ASCOMA) e Associação Sócio-Cultural de Matarandiba (ASCOMAT). Estão sob a tutela da ASCOMA: Banco Comunitário de Desenvolvimento Ilhamar, Inforádio (fusão do Infocentro com a Rádio Comunitária), Horta Comunitária, Padaria Sonho Real, grupo de Ostricultura Familiar e o grupo de Vivências Turísticas (ViverTur). A ASCOMAT responde pelos seguintes empreendimentos: Ponto de Memória Tia Dina, Ponto de Leitura Tia Dazinha e Ponto de Cultura Voa Voa Maria.

As associações e alguns empreendimentos Ecosmar participam de outras redes e espaços políticos, como, por exemplo, participam da Rede Brasileira de Bancos Comunitários, do

Fórum Baiano de Economia Solidária, da Rede Ponto de Cultura, da articulação estadual do Turismo de Base Comunitária. A ASCOMA participa da construção do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de Vera Cruz, assim como da criação do Conselho Municipal de Agricultura. A ASCOMAT é membro da Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia (Asseba).

A ilha de Matarandiba possui uma rica cultura e suas principais manifestações culturais acontecem entre os meses de dezembro e fevereiro. A comunidade possui atrativos naturais como praia e mangue, mas o que a diferencia de outras localidades com perfil similar é a sua rede de economia solidária. Por estas características apresentadas, Matarandiba é um território propício ao exercício do turismo de base comunitária.

## **4.2 O turismo de base comunitária em Matarandiba**

O turismo em Matarandiba iniciou-se sem um planejamento, em um primeiro momento o local era procurado por veranistas por ser um lugar calmo e pelas belezas naturais. Com a criação da Rede Ecosmar surgiu o interesse de professores de conhecer o projeto de economia solidária, estes ao chegarem ao local com seus alunos perceberam que a comunidade tinha outros atrativos, tanto naturais quanto culturais. Ao perceber o interesse dos visitantes os moradores se organizaram para oferecer visitas guiadas.

Em 2013, surgiu o ViverTur, um grupo de turismo comunitário pertencente a Rede Ecosmar com o objetivo de desenvolver a atividade turística local. Este grupo é constituído por pessoas da comunidade e acompanhado por uma técnica da ITES/EAUFBA. O ViverTur é definido pela entrevistada B como “um grupo de mulheres que apresenta a comunidade para os visitantes [...] e tem a função de apresentar e explicar a função de cada coisa”. As atividades das integrantes do grupo não se restringem a guiar os turistas pela comunidade, mas também a limpeza das trilhas, a participação em reuniões internas e externas, a organização da prestação de contas, a manutenção do barco utilizado nos passeios, a articulação com as pessoas da comunidade para servir o almoço aos visitantes dentre outras atividades.

Um desafio para o grupo desde o início das atividades é conseguir mobilizar a comunidade a participar das atividades diárias do grupo, pois a colaboração de outros moradores só acontece quando do recebimento de turistas. Assim como em Viscri (IORIO; CORSALE, 2014), ao se recepcionar um grupo muitas pessoas da comunidade são envolvidas, dado que são comprados peixes e mariscos dos pescadores e marisqueiras locais, as donas de casa são convidadas para preparar o almoço, os itens do café da manhã são adquiridos na padaria comunitária e acontecem visitas guiadas aos empreendimentos das duas associações.

O roteiro básico compreende a realização de trilhas, o passeio de barco e a visita aos empreendimentos econômicos solidários. Este itinerário foi criado para um dia de visita e o turno das atividades depende do horário da maré. Durante a permanência na comunidade é realizada uma troca de experiências entre os moradores e turistas.

Na visita aos empreendimentos solidários, os visitantes podem esclarecer dúvidas sobre como surgiu a rede de economia solidária e seu funcionamento, além disso, existe a possibilidade de aquisição do artesanato local com a Concha, moeda social do território que pode ser trocada pelo Real no banco comunitário. A equipe da Inforádio realiza entrevistas com os turistas para conhecer a opinião deles sobre o passeio na comunidade. Quando acontece a apresentação do grupo de Samba de Roda, os visitantes são inseridos na dança. Outras alternativas estão sendo discutidas pelo grupo ViverTur para proporcionar aos turistas mais vivências ao modo de vida local, como o roteiro com pesca e a hospedagem familiar.

A atividade turística em Matarandiba é desenvolvida com o olhar para as questões ambientais, antes de começar a trilha é distribuído para os turistas sacos para acondicionar o lixo e eles são orientados a recolherem as embalagens encontradas pelo caminho. Orienta-se

que não sejam arrancados pedaços da vegetação encontradas pelo caminho, para evitar o desmatamento da região. Existe a preocupação também em relação ao número de visitantes que são recebidos de uma única vez, limita-se o número de turistas, visto que há uma preocupação com os danos ambientais que podem ser gerados ao ecossistema local.

A atividade turística começou em Matarandiba sem um planejamento, mas com o decorrer do tempo organizou-se e faz parte de uma rede de poder. O TBC é coordenado por moradoras locais que têm a preocupação em desenvolver as atividades com a finalidade de promover, em todas as dimensões, o desenvolvimento local.

### **4.3 Os impactos do turismo de base comunitária no desenvolvimento territorial**

Observou-se nas falas das entrevistadas que as palavras meninas e mulheres foram enfatizadas quando da definição do grupo ViverTur. A atividade econômica feminina é colocada por Sen (2010) como item impulsionador do desenvolvimento e que “[...] nada atualmente é tão importante na economia política do desenvolvimento quanto um reconhecimento adequado de participação e da liderança política, econômica e social das mulheres” (SEN, 2010, p. 263).

A participação das mulheres no grupo e turismo e nas discussões das dimensões apontadas por Sen (2010) permitem que elas participem ativamente das decisões referentes aos projetos de desenvolvimento territorial, além de contribuir para a elevação da autoconfiança feminina, após a sua inserção em uma atividade econômica. Na definição da entrevistada A sobre quem é o ViverTur demonstrou-se a preocupação do grupo com o desenvolvimento local. “ViverTur é um grupo de turismo de mulheres[...] que busca melhorias para a comunidade”.

Apesar da sazonalidade da atividade turística e do recebimento de poucos turistas, os impactos econômicos oriundos desta atividade são considerados bons pelas entrevistadas. Além dos recursos provenientes do pacote turístico, que em sua maior parte fica na comunidade, os visitantes gastam na comunidade, como na troca do Real pela Concha e na aquisição do artesanato local.

Nas colocações das entrevistadas foi possível observar que a atividade turística é desenvolvida na comunidade com a preocupação de resguardar o meio ambiente. Antes do início das trilhas são fornecidas informações de como proceder com o lixo gerado durante o caminho. A preocupação com o cuidado ambiental extrapola as atividades turísticas, a entrevistada D narrou o fato em que estava com algumas amigas e uma delas jogou um papel no chão, a reação imediata da entrevistada foi a de coletar o papel. A entrevistada relatou também que antes de sua vivência com o turismo de base comunitária não tinha essa preocupação ambiental, mas agora existe esse cuidado com a natureza e ela tenta conscientizar as amigas sobre a importância deste ato.

Durante a pesquisa de campo, notou-se que as atividades de TBC contribuíram para a valorização do patrimônio natural da localidade. A palavra mangue foi utilizada como sinônimo de bagunça por uma das integrantes do grupo, em uma conversa informal, mas instantaneamente a fala foi corrigida e relatado que mangue era algo bom. Este reconhecimento do recurso natural é fruto das atividades de turismo de base comunitária.

No discurso das entrevistadas percebeu-se a compreensão delas pelos benefícios advindos das atividades do TBC em várias dimensões “[...] não é só um impacto financeiro, é um impacto social e cultural [...]” (ENTREVISTADA C). Em relação ao aspecto cultural além da troca de experiências com os visitantes, relatou-se também a criação do samba mirim. Quando da apresentação do samba adulto, surgiu o interesse das crianças em participar da apresentação, fato que motivou a formação de um grupo de samba infantil. A inserção das crianças nas manifestações culturais locais é importante para a manutenção e disseminação das tradições do território.

Colocar as crianças em contato com a cultura local “[...] visava imbuir o jovem, desde cedo, de sentimentos e conceitos que passavam a fazer parte de sua compreensão de mundo, [...]” (FUNARI; PELEGRINI, 2016, p. 16). Ao permitir que as crianças participem das tradições locais da sua comunidade oportuniza que elas, ainda na infância, descubram a sua territorialidade. Outro item apresentado como impacto cultural oriundo do TBC é o sentimento de pertencimento ao local (IORIO; CORSALE, 2014), a valorização da identidade local, da territorialidade. “[...] vieram ver a minha cultura, vieram ver o meu lugar e aí traz outro olhar para a sua própria identidade [...]” (ENTREVISTADA C).

Por ser uma comunidade pequena, as pessoas podem opinar sobre as atividades turísticas falando diretamente com uma das participantes do grupo, assim como participar das reuniões semanais do ViverTur ou das reuniões do Conselho Local de Turismo. Este foi constituído com o intuito de trazer a comunidade para a discussão das atividades do TBC. O primeiro aconteceu em novembro de 2014 e o segundo em maio de 2016. A expectativa é que seja realizado um conselho por ano. Na reunião do conselho, os moradores têm a oportunidade de opinar sobre a inclusão/exclusão de roteiros, oferecer serviços ligados a atividade turística, comentar sobre os impactos que estão sendo observados no exercício das atividades referente ao turismo. Durante o conselho também é apresentado, pelo grupo ViverTur, a essência do TBC, os desafios e as conquistas do grupo.

Relatou-se durante o conselho que algumas pessoas pensam que o turismo comunitário é gratuito e que ao chegar à comunidade a qualquer momento terá uma pessoa de prontidão para recepcionar os visitantes. Contudo, no turismo de base comunitária as atividades turísticas são programadas de acordo com a dinâmica local, os moradores não são personagens figurativos na atividade turística, eles possuem um modo de viver a ser respeitado. As atividades associadas ao TBC são organizadas em conformidade com o cotidiano dos residentes. Nas discussões sobre o desenrolar das atividades do TBC, cabe a comunidade decidir em quais momentos ela quer recepcionar os visitantes e não ao turista ou as operadoras de turismo.

A partir da análise do discurso das participantes do ViverTur, pode-se afirmar que o TBC tem contribuído para o desenvolvimento local de Matarandiba em diversas dimensões. No aspecto econômico destaca-se que são adquiridos no próprio território os produtos das refeições oferecidas aos turistas e o fato de que a maior parte dos recursos monetários oriundos da atividade turística ser distribuída na comunidade. No ponto de vista político ressalta-se a constituição do Conselho de Turismo que permite aos moradores a participação na decisão sobre as atividades turísticas e a participação do grupo na articulação estadual do TBC. Na cultural, evidencia-se a troca de experiências com os turistas, a valorização da cultura, com a criação do samba de crianças e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento. A preocupação em reduzir impactos ambientais, preocupando-se com o descarte adequado do lixo gerado durante as trilhas e com a quantidade de visitantes recebidos de uma única vez são cuidados dentro da ótica ambiental.

## **5 CONCLUSÃO**

O turismo de base comunitária, assim como o turismo de massa, é uma forma de apropriação do território com a finalidade de conhecer a territorialidade do local visitado. O que diferencia um do outro é como as atividades turísticas são organizadas. O turismo de massa preocupa-se com o bem-estar do turista, a maior parte dos recursos monetários oriundos desta atividade é destinada as empresas turísticas e os autóctones não têm o direito de opinar sobre as atividades do turismo. No turismo de base comunitária, são os moradores que planejam os roteiros turísticos, os recursos financeiros ficam na comunidade, existe a preocupação em receber bem o turista sem descuidar da cultura local e da preservação ambiental.

A ilha de Matarandiba um terreno fértil para o seu desenvolvimento do turismo de base comunitária. Apesar de ser uma prática recente no território, é possível afirmar, a partir das informações coletadas na pesquisa que o TBC tem contribuído para o desenvolvimento territorial, nas dimensões econômica, social, cultural, ambiental e política.

A produção associada ao turismo colabora para o incremento dos rendimentos dos autóctones, visto que são oferecidos aos turistas produtos que valorizam a cultura do território. Na perspectiva cultural, destaca-se a integração das crianças nas manifestações culturais, pois a inserção desde jovem nessas atividades contribui para a perpetuação dos costumes locais e fortalece o sentimento de pertencimento a comunidade.

O Conselho Local de Turismo é um espaço político importante para as discussões sobre as atividades turísticas que estão sendo exercidas na comunidade e é neste espaço que os moradores podem delimitar quais são os impactos derivados do turismo serão aceitos.

As questões de ordem ambiental não ficam limitadas ao exercício das atividades do TBC, notou-se que as preocupações com a natureza fazem parte do cotidiano das integrantes do ViverTur, como o descarte adequado do lixo e a valorização do patrimônio natural, como, por exemplo, a preservação e a valorização do mangue.

Percebeu-se que os moradores têm a oportunidade de opinar e colaborar no planejamento das atividades turísticas locais e que estão envolvidos no desenvolvimento das ações do turismo, sendo desta forma os principais atores do desenvolvimento local. Todavia, a atividade turística em Matarandiba possui alguns obstáculos a serem vencidos. A organização encontra dificuldade de mobilizar mais pessoas da comunidade para participar das atividades diárias do grupo. Como a participação é voluntária e não oferece uma remuneração fixa, exige que as pessoas exerçam outras atividades econômicas para sobreviver.

Este trabalho limitou-se a visão das pessoas que trabalham diretamente com o TBC em Matarandiba, sugere-se que pesquisas futuras analisem a percepção dos moradores que não possuem relação com as práticas turísticas.

## REFERÊNCIAS

- COELHO, S. D.; CAETANO, A. G. N.; SANTOS, J. De O. O Turismo comunitário e sua contribuição ao desenvolvimento sustentável aa Prainha Do Canto Verde, Beberibe - Ceará. **Revista Geográfica Acadêmica**, 2016. v. 10, n. 2, p. 116–128.
- CORIOLO, L. N. *et al.* **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.
- DALLABRIDA, V. R. A gestão social dos territórios nos processos de desenvolvimento territorial: uma aproximação conceitual. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, 2007. v. 2, n. 2, p. 44–60.
- FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. De C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2016.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- IORIO, M.; CORSALE, A. Community-based tourism and networking: Viscri, Romania. **Journal of Sustainable Tourism**, 2014. v. 22, n. 2, p. 234–255.
- KONTOGEOGPOULOS, N.; CHURYEN, A.; DUANGSAENG, V. Success Factors in Community-Based Tourism in Thailand: The Role of Luck, External Support, and Local Leadership. **Tourism Planning and Development**, 2014. v. 11, n. 1, p. 106–124.
- MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina. *In*: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- MANO, A. D.; MAYER, V. F.; FRATUCCI, A. C. Turismo de base comunitária na favela

Santa Marta ( RJ ): oportunidades sociais, econômicas e culturais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, 2017. v. 11, n. 3, p. 413–435.

SACHS, I. **Desenvolvimento : includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SAMPAIO, C. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário**. Santa Cruz: EDUNISC, 2005.

SANTOS, M. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, 1999. v. 1, n. 1, p. 7–13.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SIMONS, I.; GROOT, E. Power and empowerment in community-based tourism: opening Pandora's box? **Tourism Review**, 2015. v. 70, n. 1, p. 72–84.

TOMAZIN, M.; RAMIRO, P. A. Turismo de Base Comunitária : uma possibilidade pensada com moradores do Bairro Alto. **Caderno Virtual de Turismo**, 2016. v. 16, n. 3, p. 155–171.